

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

CARACTER

O caracter é uma definição moral. Não há personalidade, no bom sentido da palavra, sem tal atributo. Quer dizer, cada homem, só consegue erguer-se de animal a pessoa, sacrificando os bens materiais, à constância na prática de certas normas de conduta que satisfazem a razão e levantam o espírito. Ter caracter, portanto, é ser firme nas convicções e coerente nos actos. Subretudo, é saber domar as instigações da animalidade, mantendo através de todos os reveses o mesmo aprumo moral, conservando durante as horas embriagadoras do triúfno o mesmo senso da justiça e da realidade. Em resumo, possuir caracter é ser-se moralmente definido, realizando a afirmação duma personalidade pelo concurso de todas as atitudes assumidas e de todas as acções praticadas.

O estudo da experiência republicana mostra que o caracter tem sido sempre um dos factores essenciais. Anteriormente à implantação do regime, o republicano era um homem que sacrificava a sua comodidade à sua crença. O tipo do partidário dos tempos da propaganda, seja qual fôr a camada social que se considere, era o das pessoas firmes, cujas convicções as contrariedades não domam, cuja firmeza as dificuldades fortificam. Incontáveis vezes os republicanos preferiram as privações de toda a espécie a sujeitar-se ao disfarce e à traição do seu ideal. Nunca um republicano, como tal e sem abdicar das suas convicções, se prestou a servir a monarquia em postos de natureza política. Antes de proclamada a República o republicano era, por conseguinte, um homem definido moralmente, firme nas suas convicções, insusceptível a todos os embaraços, capaz de sofrer e insusceptível de se traír, numa palavra — constituía uma personalidade.

O advento do regime não quebrou a tradição. Hoje, como ontem, o trasfuga não é exemplar raro. Mas agora, como então, a sua duplicidade implica imediata exclusão do campo republicano. Mesmo que os Partidos, por cobardia, o não irradiem, o povo não deixa de o isolar. E o isolamento é a forma da morte social. Por outro lado, muitos lances da vida da República, dos quais destacamos Monsanto, patenteiam, clamorosamente, que o caracter continúa sendo apanágio supremo dos republicanos. E assim se mantém a tradição, já a caminho de secular, dum movimento que nasceu da congregação dos melhores portugueses, no fito de operarem a construção dum Portugal mais civilizado e mais feliz.

Este elemento fundamental da acção republicana entre nós, é que distingue, perfeitamente, os republicanos dos monárquicos. Na realidade, quem analisar sem paixões, nem preconceitos, a nossa vida política no último meio século, há-de verificar que o monárquico colocou sempre o seu interesse acima da sua crença. Por amor disso, *mudou de casaca*, com a exuberância dum Fregoli, chegando a erguer-se contra o rei, quando lhe não satisfaziam a voracidade. Ainda, pela instigação d'êste hábito de pôr as exigências animais num pé de superioridade aos interesses do espírito, se prestou, sob a República, como sucedeu durante o governo de Sidónio Pais, a servir cargos políticos do regime, ou seja a traír ao mesmo tempo duas causas — a república e monarquia. A ausência de caracter, é, pois, o agente dominante da acção do monarquismo português, ao passo que a sua decisiva influência constitui a propriedade essencial do movimento republicano.

(De o "Rebato", de 3 de Março).

Interesses de Guimarães

A cidade berço da nacionalidade portuguesa, que à custa dos esforços dos seus filhos tem sabido impôr-se pela sua colossal indústria, a maior do País, pelo seu grande comércio, pela sua riqueza agrícola, alberga no seu seio monumentos architectónicos de inegalável apreço, têm arte, tem grandeza, tem todas as condições para constituir um grande centro de turismo.

Guimarães tem caminhado sempre, tem progredido, mas só à custa do seu próprio trabalho. O auxílio das autoridades superiores em pouco se tem feito sentir.

Mas se procurarmos, no intimo, a razão de ser deste abandono a que vem sendo votado este fértil e laborioso rincão minhoto, não podemos deixar de acusar-nos a nós próprios, que nos habituamos ao comodismo de aguardar que nos venham oferecer aquilo que tínhamos necessidade de ir procurar, que nos limitamos a crítica mordaz e nem sempre sincera de acharmos mau aquilo que os outros fazem e vivemos em uma permanente anarquia bairrista, degladiando-nos, incompatibilizando-nos, criando abismos entre nós, aproveitando todos os pretextos para nos arredarmos da luta pelo progresso.

Discute-se a propósito de tudo; fala-se demais; abre-se a cada momento o ataque contra qualquer melhoramento, combate-se aciosamente tôda a iniciativa que não satisfaça o orgulho e a vaidade daquêles que deviam ser os primeiros a erguer-se para a defesa, para a colaboração lial e desinteressada. E quando outro motivo não surja para justificar a guerra, lá está o pretexto político. Esse é sempre o grande abismo onde vão afundar-se e desaparecer as melhores intenções.

Em Guimarães há a velha pecha de envidar todos os esforços para inutilizar tôda a acção que seja desenvolvida pelos partidos da República, em especial pelo Partido Republicano Português. Há individualidades a quem os vimaranenses não podem perdoar o seu desinteresse pelo bem público que se mostram irados e furiosos sempre que se anuncia uma ideia de progresso, um melhoramento projectado pelos republicanos.

Chega-se a ter a ideia de que ainda não chegou a Guimarães a República.

E entretanto o que vemos?

Outras cidades de indiscutível inferioridade progredirem; povoações bem pequenas lutando pelos seus interesses em uma unidade, em uma comunhão de ideias que encanta.

Porque é que Guimarães não há-de vêr também unidos os seus filhos para a luta pelo seu progresso, para a conquista dos seus direitos?

Vamos a isto, senhores, e deixem-se de ódios, de mesquinhas vinganças, da pernicioso malquerença.

Este número foi visado pela Comissão de censura.

Questão de tempêros

Tudo se quer temperadinho. Mais sal ou menos sal estraga a sôpa. E é o que se está vendo, cariocamente falando, com a religião. Está-se a deitar sal de mais nesse sentimento êsse que a ignorância torna, às vezes, uma moléstia. Aparecidas aos milheiros, milagres aos punhados, trazem a grei em delirio, a ponto de nos constar que o santo chaveiro já anda enfiado com o problema do inquilinato, que promete dar que falar na celeste morada, tantos os redimidos de fresca data e os santos que por aí brotam e que prometem meter num chinelo tudo quanto a antiga musa canta.

Sinal dos tempos, triste sinal, sobretudo por notarmos que à falada recrudescência religiosa dos povos não corresponde de modo algum o estado moral das gentes.

Noutros tempos, nos velhos tempos em que o bom Deus andava pelo mundo, de manta e cajado, como qualquer bom-serás, a alegria fermentava por êsses campos e quebradas e o sol ao nascer ouvia aléluias à vida e à luz em cânticos repassados de ternura e poesia. Devoção a um lado obrigação a outro, a natureza ensinava e sobre as almas não adejava o medo e sobre o coração não caía, não pesava, a maldição dos caprichosos Jehovahs, que no sorriso são da mocidade vêem satânicas caretas e a obra do diabo atribuem os menores assômos de alacridade, como se a alegria não seja imprescindível à vida.

A côr berrante dos trajes casava-se com os tons fogosos da terra-mãe e da palidez da lua só falavam os poetas de peito sumido. O sol creador a todos enebriava, como hostia imensa em que todos comungassem, a tingir, lá do alto, de ouro e púrpura montanhas e courelas, searas e trigalhas, a impôr aos homens e às avesinhas o dever de cantar, o desejo de bendizer a vida, o prazer de reconhecer no fragor da labuta cotidiana e na tranquillidade das horas de descanso o dedo do bom Deus que tudo parte e reparte pelo melhor, a mão dêsse Senhor de misericórdia que aprecia as almas pelo valor das suas virtudes e nunca pelo número das suas orações. E a jovialidade vivia a par da virtude e o braço do homem era forte para o trabalho da Terra e para as bênçãos do Céu, com o seu trabalho e com a sua bênção dando seguro amparo a crianças e a velhos,

a orfãos e a viúvas, que tudo êle podia animado por uma justa visão da vida, ajudado por um justo conceito de Deus. A Caridade andava pelo mundo, não vestida de sêdas e brocados, petulante e ostensiva, mas singela como as singelas flores da Rainha Santa, e a gafados e leprosinhos se achegava, humilde e pressurosa, a uns dando asilos, hospitais a outros, a ninguém negando o supremo e carinhoso conforto das suas piedosas lágrimas.

Noutros tempos, nos bons tempos em que Deus andava pelo mundo, devoção a um lado, obrigação a outra, a hipocrisia escondia-se como ignominiosa e crapulenta, e o ladrão disputava ao lobo a posse dos alcantis. Nem o estendal de misérias que para aí se vê, nem o fanatismo que aí campeia. Almas temperadas no amor do próximo, nunca o egoísmo as dominou que as anarquizasse. E pelos campos e pelos sérros estuava a alegria em hossanas à vida, em agradecimento ao Céu benéfico, ao Deus bondoso, que a cada dor dá seu balsamo e a cada mágua seu sorriso. E a canção subia como uma prece, a prece da alegria de viver — a mais santa das preces, o mais sublime dos agradecimentos ao mais sublime dos pais e punha no ar fremitos de amor e de paz e no peito do homem anceios de glória e ventura.

A ***

Professor Ferreira Lobo

Segundo informações dos jornais de classe, o illustre Conselho de Inspectores aprovou o parecer dado pelo Inspector-chefe sr. Joaquim Tomaz, relativo à sindicância promovida a êste nosso bom amigo e prestimoso correligionário de Lordelo. Capacitados de que no parecer de S. Ex.ª só justiça será feita, felicitamos, antecipadamente, êste nosso amigo por ter ficado ilibado das calúnias por certos indivíduos, pouco escrupulosos nas suas acusações, lhe levantaram.

Dr. Jerónimo Rocha

A restabelecer-se da sua saúde um pouco precária, está entre nós o nosso estimado conterrâneo e bom correligionário, sr. Dr. Jerónimo Martins da Rocha, integro Delegado do Procurador da República na comarca de Voteros do Sal. Fazemos sinceros votos pelo seu completo restabelecimento.

Pela República

Sem o hábito de escrever para o público e por profissão apartado da gramática, difícil se me torna amoldar a escrito o pensamento; contudo, como da defesa e propaganda da República se trata, cá trago também a minha contribuição, certo de que cumpro um dever. O momento não consente deserções e o mais pequeno esforço despresado pode trazer-nos a derrota. Que assim o compreendam todos, para que saibamos encontrar a união que há-de imprimir à Democracia o seu verdadeiro rumo e dar à Liberdade o seu necessário âmbito. Unamo-nos! E' só para isso, é só com essa mira que aqui venho, teimoso em afirmar que na nossa união está a nossa vitória.

Naquela lufa-lufa das lutas partidárias tal confusão se gerou que o que sempre devia ser simples arrufo de amigos se tornou em crua guerra de inimigos. Odios vesgos surgiram, graças aos quais o vasto campo republicano se viu dividido e maltratado, como seara sobre a qual caísse temporal desfeito. E fenececeram paz e concordia — fundamentos da Democracia; e vicejaram egoísmo e instinto — fontes remotas da tirania e da ruína. Obcecados pelas suas rivalidades, não deram os republicanos pelo perigo eminente que os cercava e ameaçava, quando com as suas rixas fomentavam o descrédito do Poder e a ruína das instituições parlamentares, deste modo dando o flanco...

De parte o que aqui se passa, a nossa intranquillidade vem do que vai correndo por esse país fora. Por todo êle se regista o assalto dos monárquicos que, afirmando-se sempre inimigos do regime republicano, se arvoraram agora em salvadores da República. De todos os lados surgem os protestos contra a nova invasão e de todos os corações republicanos brotam os alertas...

Alerta, pois; e se a luta nos fôr imposta, aceitemo-la, certos de que não mais serão possíveis *tranquillitárias* humilhantes. Viva a República!

A. DE G.

Rêde telefónica

Chega aos nossos ouvidos a informação de que mais uma vez é adiado o início da montagem da rêde urbana de telefones nesta cidade.

Sabemos que já se encontra aqui vário material destinado à montagem.

Mas como há sempre quem estorve, no interesse próprio, aquilo que beneficia os outros, alguém conseguiu que o pessoal técnico vá proceder à instalação de outras centrais telefónicas, deixando para outra ocasião a rêde de Guimarães.

E é assim que se defendem os interesses desta cidade. E' assim que Guimarães é protegida e beneficiada.

Que nos diz a isto a Ex.^{ma} Comissão Administrativa da Câmara e a ilustre Direcção da Associação Commercial?

RIDENTE AURORA...

...E as nuvens que toldavam o horizonte foram esfarrapadas pelo cruzar impetuoso dos elementos. Da ira celeste restava pois um aglomerado de manchas, irisadas pela primeira nesga de sol que hesitante se ensaiava naqueles passos da sua magnificência. A' tormenta iracunda e feroz sucedia o inefável conforto que a refulgência divina daquele pomposo astro parecia escudar. Reinava uma quietude bíblica; que breve aqueles últimos vestígios correriam em tropel acossados por vento mais enérgico...

E foi desta sorte que a «Velha Guarda» ressurgiu após o silêncio forçado de alguns meses. Havia a dura necessidade da sua publicação numa terra em que, como nesta, a imprensa monárquica toma foros de arrogância, em desprimor daqueles que algum tanto se têm sacrificado para enaltecer o nome que nos é comum.

E eis porque eu sinto orgulho quando escrevo, na minha prosa chã, estas palavras.

A falta de hombridade moral no campo das convicções tem sido um sudário deprimente.

Porisso é tão vulgar o vermos a imprensa inimiga dirigir ataques sofismados aos nossos exilados. Mas acima dela está a verdade. Não estamos porventura na época dos mitos, mas sim no mundo das experiências práticas.

A «Velha Guarda» será como que o pósto onde a falange republicana assenta arraiais para repelir o lôdo que lhe atiram os deturpadores da verdade. Será uma atalaia vigilante que, pela fé impoluta dum sagrado ideal, espera não esmorecer ante a ameaça sinistra dum arremêso. Não fará uso da couraça férrea que põe a salvo, em tantos lutadores, o corpo, dos gumes cortantes. Lutará a descoberto. E, sem aleive ou presumçosa empáfia, pode afirmar sobranceiramente que nada a fará sangrar. Na consciência não sente engulhos que a obriguem a fementir o critério que pode guiá-la afoutamente pela verêda que é tantas vezes o caminho da «promissão». No corpo não sente aquela velhice mórbida que possa entorpecer-lhe os movimentos. Antes lhe corre pelas veias um sangue novo; uma juventude sã lhe avigora os nervos e lhe empresta a impaciência de tão fogosa idade.

Mas não será porisso um génio irreflectido que vá de insensatez em insensatez precipitar-se na insignificância. A dentro de si há ideias mais nobres; a tal ponto que a lealdade é o seu imutável protocolo para amigos e inimigos. E' e será o seu trato de sempre.

A «Velha Guarda» é pois um todo que vem zelar sinceramente os interesses que dizem respeito a si e aos seus.

Ao limpar as canetas do pó que o tempo tanto lhes deixou ajuntar, sentimos como que o despertar dum grande e pesado sono. E' a vida que nos convida a gozá-la e a sofrê-la. Nós aceitamos porque no-lo aconselha o coração e no-lo ordena um dever incontestável.

Não é que um toque de alarme nos sobressalte. Este pôde correr as sete partidas para conseguir surpreender-nos. Como uma praça forte esperamos sem receio o assédio dos contrários.

Antes porém que o perigo se nos evidencie já o pleito está decidido. Porisso eu disse e repito o orgulho que me enleva.

Aqui lavro uma saudação a este incansável lutador pelas doutrinas que incarna. Que importa que os inimigos delas se valham de quantas mentiras ha para as cuspir na sua mais lídima pureza? Que estropiem outros a sua interpretação para sobressair velha-

rias que o tempo anatematizou pelo corrupto que delas emana? Que ainda outros as escarneçam porque lhes ferem mesquinhos interesses, porque os inibem de protraír benesses a que dão azo por falsos privilégios?

Sobre isso ha a justiça revestida da sua rizeja impecável e a prática das cousas. Há o raciocínio frio e a essência duma verdade que transparece da penumbra a que muitos votam aquilo que lhes não convém.

As gerações não-de, quando mais instruídas, lê-las e interpreta-las bem. E' uma esperança que o tempo transformará numa realidade. Porque urge que elas o façam para o bem universal; um bem que não aceita a demolição de fronteiras porque preza a história de cada um nas suas mais inconfundíveis características.

Eis porque eu sinto orgulho — não canso de repeti-lo — ao escrever para a «Velha Guarda» estas palavras que a inteligência me ensina a coordenar. A consciência as santificou de há muito.

Não há possivelmente decrepitude nisto. O trabalho de tantos anos já, é apenas o fermento das novas sociedades que não-de crescer e revigorar isentas daquele torpe snobismo que tem sido o seu eterno flagelo. Talvez que o amor não seja então uma palavra vã.

HERMES BACELAR.

Falar claro...

O partido Democrático tem sido acusado pelos inimigos confesos da República de varios actos que nunca praticou. E' sobre este partido, que afinal apenas se tem interessado pelo engrandecimento da Pátria e da República, pondo de parte todos os comodismos, que recai o ódio daqueles que esperam ainda por um D. Sebastião!!... Seja, porém, como fôr, o partido Democrático continua sendo o mais forte baluarte do regime e nem pelo facto de se ver ultrajado e vexado deixará, um só momento, de estar no seu posto.

Se os inimigos da República não tivessem sido tão poupados, talvez nos elogiassem; mas não falta o ditado que diz: — quem o seu amigo poupa, nas mãos lhe morre. — Esta lição é dura, mas verdadeira; a experiência o tem provado. Quanto a atitude deste partido, quando governo, tem falado bem claro o ilustre republicano sr. Dr. Marques Guedes.

Num artigo intitulado «As Clientelas Politicas», publicado no jornal «O Primeiro de Janeiro» de 27 de mês passado, diz sua ex.^a, entre todas as outras, mais esta verdade: — «No Governo de que fiz parte, não vi nunca fazer o que pode chamar-se politica de clientela. Foi necessário fazer chefiar uma missão de delimitação ao sul de Angola. Escolheu-se, para isso, o sr. Dr. Augusto de Vasconcelos, «leader» nacionalista. Era mister negociar novo «modus-vivendi» de mão de obra para o Rand. Convidou-se para essa alta tarefa o sr. Dr. Alvaro de Castro, que não morria de amores pelo Governo nem pelo partido, que apoiava.....» Isto é uma pequena demonstração de que o partido Democrático não coloca como erradamente o afirmam os seus inimigos o interesse dos seus correligionários acima dos da própria Pátria. Por isso, a nossa consciência está tranquila, como tranquila é a esperança que temos no futuro. Queremos uma República para todos os portugueses, com a única exclusão dos traidores. Assim tem de ser, porque só assim se conseguirá a pacificação da família portugueza, que actualmente não existe. Falar claro, não deve desagradar a ninguém.

A Citânia de Briteiros

Parece que finalmente começa a esboçar-se um movimento de propaganda deste grandioso monumento arqueológico.

Já em vários jornais se lê — Citânia de Briteiros — e individualidades de destaque no nosso meio saem a estacada, gritando a necessidade de uma estrada de acesso fácil áquela vetusta glória nacional.

Por aquilo que até nós tem chegado vê-se que já por várias vezes tem sido lembrada a conveniência da obra agora reclamada e cada um procura chamar a si a prioridade da ideia.

Não sabemos rialmente a quem cabe tal glória, mas a bem da verdade devemos confessar que já há muito em Guimarães se pensa na estrada da Citânia e se vem lembrando a quem de direito a necessidade da sua imediata construção.

Temos diante de nós informações seguras de que a Comissão de Iniciativa das Taipas, vem desde 1923, solicitando junto dos Il.^{llos} Ministros do Comércio e da Sociedade de Propaganda de Portugal, esta inadiável obra, afim de poder ser devidamente apreciado o grandioso padrão que constitue uma justa glória de Guimarães.

Que todos os vimeirenenses se unam para tornar realidade esta velha aspiração.

A liberdade não é um cartaz que se lê na esquina de uma rua. E', sim, um poder vivo, que cada um sente em si mesmo, e em torno de si; é o génio protector do lar doméstico, a garantia dos direitos sociais, e o primeiro desses direitos.

LAMENAS.

As casas económicas

Os srs. leram aquela proposta referente a casas económicas e que foi apresentada na primeira sessão da actual C. A.? Leram na verdade?!

Viram a belêsa de estilo — ó manes de Bernardes e Vieira! — e sentiram a dôr própria de facada em gramática?!

Não viram?! Não leram?! Não sentiram?! Oh parece impossível!

Pois então não viram aquêlê primôr de literatura, fundamentadissimo em indestructíveis considerando que são o retrato fiel da capacidade... económica que orienta os destinos da nossa edilidade?!

Não apreciaram aquêlê «há mais inquilinos do que casas» e aquêlê «falta de casas porque as não há»?!

Pois leiam, leiam!

Vale a pena, sim senhores.

E os doze contos orçamentados para festas que passatam para um orçamento suplementar e destinados á imediata construcção do tal bairro!? Também não leram isso?!

Oh, mas os srs. dormem!...

Pois pode-se lá deixar escapar uma coisa dessas?!

Não leram, sério?!

Pois é verdade: este ano vamos ter umas festas gualterianas de atromba, coisa nunca vista. A Câmara, é preciso desde já dizê-lo, não dá subsídio algum para as feiras francas.

— Espantam-se, admiram-se?!

E' assim mesmo. A' laia dos foguetes queimados no passado domingo e da charanga que tocou o hino nacional, os srs. vereadores resolvem pagar tudo do bolso dêles, inclusivê os comboios extraordinários que não-de despejar milhares de forasteiros na nossa cidade.

— E' mentira?!

Não é, não sr. Podem creditá-lo sem receio de desmentido.

De passagem

Visitou no pretérito domingo a cidade de Guimarães o Ex.^{mo} Sr. Governador Civil de Braga, a quem foram prestadas todas as honras officiais. Acompanhavam Sua Excelência vários amigos de Braga, aos quais se reuniram outros de Guimarães, que, em uma extensa fila de automóveis, se dirigiram á sala do tribunal judicial, onde ia ter lugar a anunciada conferência de propaganda da eleição presidencial e do novo partido político.

Não teve este jornal nem qualquer um dos seus modestos colaboradores a honra de um convite official que foi profusamente distribuído ás juntas de paróquia e regedores das freguesias rurais.

Também não era de estranhar. Sabe-se bem que a *Velha Guarda* não tem as simpatias de quem tudo manda na nossa terra e portanto havia de dar-se o voluntário esquecimento.

Mas como ao jornalista nada deve passar despercebido, sempre foi possível o acesso ao salão e lá ouvimos a conferência, a que de resto não assistia tanta gente que não se estivesse á vontade.

Constituida a mesa presidencial usou imediatamente da palavra o Ex.^{mo} Sr. Governador Civil, que quasi se limita a mandar acautelar-nos do perigo bolchevista, como se o nosso pacato e laborioso operário nos pudesse infundir receio das nefastas teorias russas.

O Ex.^{mo} Sr. Coronel Pereira, como militar que á ditadura vem dando todo o seu esforço, defende calorosamente a actual forma de governo.

O Ex.^{mo} Sr. Dr. Alberto Cruz afasta para longe o perigo monárquico, como se êle fôra o papão das crianças.

O Ex.^{mo} Sr. Dr. Gonçalo Meira lê um discurso que não nos foi dado ouvir e encerra a sessão.

Procuramos tirar conclusões desta jornada e francamente apenas uma nos pareceu segura — e na qual todos os ilustres oradores estavam de acôrdo — o ataque cerrado aos partidos.

E nós de lá saímos profundamente tristes, pois não tivemos o prazer de ouvir falar nos interesses desta pobre cidade, deste abandonado concelho que parece que só foi conhecido da Ditadura para lhe tirar a sua unidade militar.

Amo e defendo sempre, cautelosa mas firmemente, a tua liberdade e a dos outros, porque nesta defesa a solidariedade é indispensável e a liberdade é a melhor condição da vida individual e colectiva.

Próximo enlace

Realiza-se brevemente o casamento do nosso presado amigo e dedicado correligionário sr. Miguel Ribeiro Guimarães, considerado negociante nesta cidade, com a Ex.^{ma} Senhora D. Maria da Conceição Teixeira Machado Mendes. Aos noivos, que possuem as mais belas qualidades de espirito e coração, deseja «A Velha Guarda» um risonho futuro e uma perene lua de mel.

Lutuosa

Faleceu em Vizela, na passada segunda-feira, a Ex.^{ma} Senhora D. Felismina da Silva Portas, esposa do nosso presado amigo e antigo correligionário sr. Dr. António Portas, actualmente ausente nos E. U. do Brazil. O seu funeral, realizado naquela povoação, constituiu uma grande e demonstrativa manifestação de pesar. A' familia enlutada apresenta a «A Velha Guarda» o seu cartão de pesames.